



Salvar e proteger como propósitos de vida

Cláudia Priebe / claudia.priebe@gazetadosul.com.br



A catástrofe dimítica que assolou praticamente todo o Estado entre o fim de abril e os primeiros dias de maio reafirmou a importância do trabalho prestado pelo Corpo de Bombeiros Militar. Embora tenham recebido auxílio de voluntários e de demais socorristas nesse episódio de calamidade, o que foi determinante para o salvamento e o resgate de incontáveis vidas, os bombeiros têm, diariamente, a missão de salvar e proteger. E fazem isso, dia e noite, em seus quartéis.

O Rio Grande do Sul tem atualmente 13 Batalhões de Bombeiros Militares (BBMs). O instalado em Santa Cruz do

Sul é o 6º BBM, que conta com 13 unidades operacionais – uma está no município e as demais em Camaquã, Encantado, Guaíba, Encruzilhada do Sul, Estrela, Lajeado, Taquari, Venâncio Aires, Vera Cruz, Rio Pardo, São Jerônimo e São Lourenço do Sul. Com atuação nos vales do Rio Pardo e do Taquari, Região Carbonífera e parte da Costa Doce abrange uma área de 78 municípios e um contingente superior a 1,2 milhão de pessoas. O trabalho é feito por cerca de 284 militares em toda a região abrangida.

Todo esse efetivo atua com os mesmos propósitos. O que se viu, durante a ocorrência das enchentes, foi a presteza e o

apoio mútuo entre a corporação. O 6º BBM recebeu auxílio de equipes de dez Estados, conforme o comandante, o tenente-coronel Daniel Dalmaso. Ele cita como exemplos São Paulo, que enviou ajuda de aeronaves, e Paraná, que enviou um grupo de 56 bombeiros do Grupo de Operações de Socorro Tático - GOST.

De modo geral, o Corpo de Bombeiros usou todo o efetivo e material disponível para salvamento nessa catástrofe. Para enaltecer esse trabalho, a **Gazeta do Sul** traz, nesse especial, uma entrevista exclusiva com o comandante Dalmaso e relatos de militares que participaram ativamente dos resgates.

Tenente-coronel Daniel Dalmaso
Comandante do 6º Batalhão de Bombeiros Militar

ENTREVISTA

De que estrutura o pelotão local dispõe para o atendimento de ocorrências?

Em termos de ocorrências ordinárias, contamos com um caminhão (atendimento de sinistros), uma ambulância (resgate em acidentes de trânsito) e dois barcos para salvamento. No dia da enchente, para o caso específico da Várzea, nós tínhamos dois barcos, com duas equipes, para fazer a remoção das vítimas. Em uma situação 'normal' (de alagamento), como sempre ocorreu no Bairro Várzea, é o suficiente, mas pela quantidade de água que veio e pela velocidade que aumentou, a ajuda da sociedade civil (dos voluntários) foi determinante. Essa situação é responsabilidade de bombeiro militar, mas em situações extremas como essa, de necessidade, é preciso avaliar o risco entre vida e morte. Então, os bombeiros orientam e coordenam para que os voluntários enfrentem o menor risco.

Como foi esse trabalho de resgate?

Lá no Várzea montamos as equipes com os nossos dois barcos e com as embarcações dos voluntários e isso permitiu ampliar o número de salvamentos. De modo geral, dividimos a área do 6º BBM de acordo com as companhias operacionais – Santa Cruz é a sede da primeira e Lajeado, a da segunda. A de Lajeado atende toda a região do Vale do Taquari, onde 20 vítimas ainda não foram localizadas (atualização de 28 de junho). A gente sabe que eventos como esse vão acontecer de novo; isso pode ser amanhã ou daqui 40 anos. No Vale do Taquari, vale lembrar, teve episódios de enchente

em setembro e novembro de 2023 e agora, neste ano, em fevereiro e maio. Então, ainda temos riscos pela frente. E aqui na nossa região também, porque os rios assorearam muito e mudaram o curso. Quando chove, eles expandem porque a profundidade diminuiu, então a gente vai ter que conviver com isso.

Quando eventos como esse acontecem nessa proporção, como se avalia a participação de voluntários?

Com certeza, a gente pode afirmar que esses voluntários, em determinado momento, foram essenciais para o auxílio da população. A missão constitucional da busca e salvamento é do Corpo de Bombeiros, mas a Constituição prevê que a segurança é obrigação do Estado e dever de todos.

Mesmo com o treinamento das equipes, em situações como essa foge alguma coisa do controle?

Sim, nessa atuação do Rio Pardo, por exemplo, viramos duas embarcações. No Vale do Taquari, em setembro, durante um salvamento, a embarcação também virou e a equipe conseguiu ficar em uma árvore, tendo que ser resgatada por via aérea. O risco sempre existe. O bombeiro é pago e treinado para ter um risco; ele consegue diminuir esse risco, mas não fugir disso. Nessa situação de atendimento, o que mais impactava é que se tentava chegar até as vítimas e não se conseguia porque não se tinha condições de acesso, em muitos casos. Por isso, a gente insiste em prevenção. Tem o preparo técnico, se investe em treinamento e materiais para fazer o salvamento, mas o que tem maior impacto é a prevenção. Então, quando tem um alerta da Defesa Civil é preciso sair.

Com essa enchente de agora, muda alguma coisa ou algo em relação ao treinamento das equipes?

Sim, já com a enchente do ano passado havíamos identificado a necessidade da compra de embarcações, mas a administração



Rafaelly Machado

pública demanda mais tempo. Duas já chegaram, do pedido feito no ano passado. A ideia é adquirir mais. As equipes de Força de Resposta Rápida, as chamadas FR2, têm um treinamento mais especializado. Todo o efetivo tem, mas esse grupo tem uma dedicação a mais.

Como trabalhar diante dessa imprevisibilidade?

Os estudos mostram que tanto as polícias militares quanto os bombeiros têm, em média, dez anos de vida a menos. Isso em virtude do estresse, dos riscos, do sono. Durante essa catástrofe, por exemplo, a gente teve casos de militares que ficaram 48 horas acordados, porque era uma necessidade. Em condições normais é um dia de trabalho para outros três dias de descanso. Além disso, tem o risco químico a que se está exposto em caso de incêndios, por exemplo. A gente lida com sangue, com substâncias tóxicas, produtos perigosos. Por mais que se faça a descontaminação, se use equipamentos de respiração e as roupas apropriadas, a gente sabe que algum resíduo sempre fica e isso contamina.

Qual é, digamos, a grande lição que fica desse episódio?

É um processo. A gente ainda está aprendendo. A nossa função é prestar serviço. Então, temos tentado aprimorar. Sentimos, muitas vezes, uma dificuldade em relação à precisão dos alertas, seja dos institutos de meteorologia ou da Defesa Civil. Ficam muitas perguntas de agora em diante. O que realmente a sociedade, como um todo, quer? Tudo vai seguir dependendo de como vai se organizar o Estado e como são feitas essas demandas, pois elas vão influenciar no nosso trabalho. Os bombeiros estão trabalhando e, dentro de suas possibilidades, fazendo o máximo. Agora, como cidadão e como gaúcho, penso que cada um fazendo a sua parte já contribui para o todo e para a segurança.

**PRONTIDÃO
EXTINVECS**

2 de Julho - Dia do Bombeiro

Dedicação e coragem a serviço da comunidade nas horas mais difíceis!

Sen. Pinheiro Machado 946, Santa Cruz do Sul ☎ 51 3713-3351 📞 51 9.9320.0623

2 DE JULHO - DIA DO BOMBEIRO

Coragem, força e determinação na luta diária para preservar e salvar vidas!

PARABÉNS PELO SEU DIA!

☎ 51 3718-1240

📍 Eduardo Zinn 154 Vera Cruz, RS

EXTINVEC
EXTINTORES E PPCI



Heróis são aqueles que arriscam suas vidas todos os dias enfrentando desafios para salvar vidas.

Feliz Dia do Bombeiro!

ABC EXTINTORES
Assessoria do projeto a execução

- Venda e recarga de extintor • PPCI • Placas de sinalização
- Alarme de incêndio • Rede de hidrante • Sprinkler
- Detecção de fumaça

Rua Santo Antônio, 64 - sala 1
Vendasabcextintores@gmail.com

(51) 99792.9520



PROTECTOR EQUIPAMENTOS DE SEGURANÇA

Projetos contra incêndio e Venda de extintores

- VENDA E RECARGA DE EXTINTORES, INCLUSIVE VEICULARES
- PLACAS DE SINALIZAÇÃO DE EMERGÊNCIA FOTOLUMINESCENTES, PARA ADEQUAÇÃO DE PPCI
- REDE HIDRÁULICA • PROJETOS DE PPCI
- TREINAMENTOS DE PREVENÇÃO E COMBATE À INCÊNDIOS.

Rua Joaquim Murtinho, 360 (51) 3711 3341 (51) 99842.2918 protectorextintores@gmail.com

Maiquel Rodrigo Toillier, 18 dias de resgate

O bombeiro militar Maiquel Rodrigo Toillier, 35 anos, integra a 1ª companhia operacional do 6º BBM. Na manhã do dia 30 de abril, terça-feira, ele estava de folga porque havia saído do curso de aluno sargento, quando foi atender a primeira ocorrência no Várzea. Ele conta que uma colega e amiga da Brigada Militar ligou, perguntando se poderia auxiliar a mãe dela, moradora do bairro, que estava com a casa prestes a alagar. "Removi a mãe dessa amiga de casa e mais uma vizinha dela. Depois, fui para o quartel para ver se precisavam de ajuda", relatou.

A partir daí se iniciaram 18 dias de dedicação ininterrupta aos trabalhos de resgate das vítimas das enchentes. Tão logo chegou no quartel, Toillier formou uma equipe para atendimento no Várzea. Nos dias subsequentes, atendeu no Distrito Industrial, em Monte Alverne, em Sinimbu (na área urbana e na localidade de Alto Rio Pequeno), em Mariante e em Cruzeiro do Sul. Depois, passou mais nove dias em Pelotas. "Onde tinha vítimas, 'estava inteiro' ali", destacou. Dentre os diversos momentos de tensão que enfrentou e presenciou, Toillier disse ter visto muitas pessoas em cima de telhados, em meio à água, pedindo ajuda, em estado de hi-

potermia, há dias sem comer e tomar água.

Do locais que mais o impactaram, ele considera Cruzeiro do Sul. "Era o local que mais tinha riscos por conta da força da correnteza. Não era só eu que precisava sair dali, mas também as outras pessoas, e a gente era a última esperança delas", contou, acrescentando que uma das tantas cenas comoventes foi quando saíram com 14 barcos de resgate para prestar socorro e, no retorno, presenciou as pessoas esperando, com os olhos fixos (e em lágrimas) para as embarcações. "Elas tentavam ver se havíamos trazido seus familiares e quando apoitamos a emoção tomou conta de todos que estavam ali."

Apesar da pressão e do caos pelo que acontecia ao redor, Toillier disse que o importante era agir. "As coisas vão acontecendo, mas não podemos nos deixar abalar. Do contrário, deixamos de salvar mais pessoas. Quanto mais firmes nos mantemos, mais segurança passamos para a população", enfatizou. No entanto, ele reconhece que cada ocorrência atendida era também um pouco de si que deixava. "Essa última catástrofe me fez refletir um pouco sobre a minha conduta, sobre as pessoas que convivem comigo e sobre a população. Por



mais difícil que seja, a união faz o povo mais forte e aguerrido. Vimos isso lá no front, independente de classe social, o espírito de fraternidade ainda paira entre nós. No fim das contas, vimos que o povo gaúcho se tornou um só, sem distinções."

Toillier está há 12 anos na corporação e nos últimos seis atua em Santa Cruz do Sul. É condutor de embarcações e tem curso de guarda-vidas. Participa anualmente na Operação Verão no Litoral e depois retorna para o quartel. É natural da localidade de Alto Boa Vista, interior de Santa Cruz.

Morgana Faller, sete dias de resgate

Morgana atuou foi na ponte de ferro, em Rio Pardinho. Logo que chegou com a equipe, já não conseguiu avançar com a viatura. "Precisamos deixar a viatura e seguir a pé, puxando o barco, para acessar as primeiras famílias. As levamos para um ponto mais alto e contamos com a ajuda de um grupo de voluntários, que estava com caminhões", disse. Depois de um tempo, foi para Balneário Panke, também em Rio Pardinho. "Foi lá que a gente teve noção do real poder de destruição", observou.

Na sequência, Morgana foi para Mariante e Cruzeiro do Sul, onde ficou por três dias e atuou juntamente com Toillier. Cita como marco a ajuda recebida de voluntários. "Foram eles que nos guiaram e nos deram a exata localização dos atendimentos. Cada membro da equipe trouxe consigo talentos únicos e uma dedicação inabalável. Juntos, enfrentamos desafios que, sozinhos, pareceriam intransponíveis. Vi a abnegação em cada gesto, em cada sacrifício silencioso, em cada noite sem dormir e em cada momento que alguém colocou o bem-estar do povo acima do seu."

Na missão, Morgana diz ter atendido um pouco em cada lugar. "Tudo foi com muita responsabilidade. Precisamos lidar com a incerteza do que te-

ria nos próximos locais e entender que esse esforço era para garantir que as pessoas que dependiam de nós não ficaríamos desassistidas", considerou. Ao todo, foram sete dias atuando nos resgates e, no retorno para Santa Cruz, se envolveu em outras frentes de trabalho no quartel.

Ao falar sobre os aprendizados dessa catástrofe, Morgana enfatizou o trabalho em equipe, a solidariedade e a resiliência. "O amor das pessoas pelas pessoas", resumiu. A segundo-sargento afirma nunca ter tido dúvidas sobre sua escolha e nem arrependimento. Ela diz que é um ofício que lhe traz propósito. Quando questionada sobre a diferença entre um bombeiro militar e qualquer outra pessoa, ela responde que "o mundo está cheio de pessoas comuns fazendo o impossível" e que a diferença é que receberam treinamento e decidiram colocar a vida do outro à frente da sua.

Morgana é a primeira mulher a assumir uma guarnição de serviço no setor operacional de Santa Cruz do Sul. Natural de Rio Pardo, ingressou na corporação em 2012 e há cinco anos presta serviço no município. Sua irmã, Vanessa, também é bombeira militar em Santa Maria e foi a primeira mulher a compor o pelotão local.



EM HOMENAGEM AOS HERÓIS QUE ENFRENTAM O FOGO E DEDICAM SUAS VIDAS A SALVAR OUTRAS, DESEJAMOS UM

Feliz Dia do Bombeiro

JH PROJETOS
PREVENÇÃO CONTRA INCÊNDIOS

SERVIÇOS DE SEGURANÇA | RECARGA DE EXTINTORES | TESTE DE PRESSÃO
INSTALAÇÃO DE HIDRANTES | PROJETOS | LAUDOS TÉCNICOS
ALARMES DE INCÊNDIO | ILUMINAÇÃO DE EMERGÊNCIA E MUITO MAIS...

RUA GUILHERME WERLANG, 148
HIGIENÓPOLIS, SANTA CRUZ DO SUL - RS

www.jhprojetos.com.br
51 2109-1592 | 51 99525-8923



HERÓIS!
ASSIM SÃO CHAMADOS OS HOMENS E MULHERES QUE, COMO PROFISSÃO, ESCOLHEM ARRISCAR SUAS VIDAS PELO BEM DO PRÓXIMO.

Feliz Dia do Bombeiro!

PREVENÇÃO EXTINTORES

ASSIS BRASIL, 715

(51) 3053.1889 (51) 9.2003.0786